

Com Célia Aparecida Bettiol

Doutora em Educação pela UNESP

Professora e coordenadora do curso de Pedagogia Intercultural Indígena da
Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas

Com Jeiviane Justiniano da Silva

Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFAM

Mestra em Letras pela UFAM

Professora de Linguística no curso de Letras da

Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas

Por Estélio Lopes Cardoso Munduruku

Licenciado em Geografia pela UEA, indígena do povo Munduruku.

E mail: esteliocardoso70@gmail.com

ESTÉLIO: COMO SURTIRAM OS PROJETOS TECENDO DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E O PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA?

Célia: Eu retornei do doutorado no final de 2017 e junto com outros colegas criamos o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Indígena e Etnografia. Em abril de 2018 realizamos uma atividade voltada para a temática indígena juntamente com o Movimento de Estudantes Indígenas (MEIAM) onde tivemos a participação do Parque das Tribos e isso acabou mobilizando nossas discussões juntamente com os acadêmicos indígenas da Escola Normal Superior. Criamos um grupo e com o apoio da direção da Escola Normal Superior (ENS) e do MEIAM, mapeamos os acadêmicos indígenas da ENS e começamos a conversar sobre os desafios que eles enfrentavam na universidade. Concomitante a isso surgiu uma discussão entre alguns professores sobre as dificuldades de alguns deles em relação à língua portuguesa. Então, junto com a profa. Jeiviane, do curso de Letras, solicitamos que respondessem a um questionário sociolinguístico. Com os dados obtidos propusemos um projeto de extensão para atender a esses acadêmicos. A Pró Reitoria de Extensão nos convidou para conversarmos sobre a proposta e nessas tratativas propusemos também o “Tecendo diálogos Interculturais”. Em outubro de 2018 os dois projetos foram implementados com bolsas pela PROEX para os acadêmicos envolvidos. Em 2019 o professor Luiz Davi e o Grupo TABIHUNI da Escola de Artes e Turismo (ESAT) e em 2020, o prof. Wellington Dias, juntaram-se a nós, fortalecendo a equipe e o trabalho que estava em curso. Então, podemos dizer que foi uma iniciativa coletiva do MEIAM, professores e PROEX.

Jeiviane: Os projetos Tecendo Diálogos Interculturais e Práticas de Leitura e Escrita: o português como L2 de acadêmicos indígenas tiveram início juntos e, em conjunto, desenvolvem ações para o fortalecimento e a visibilidade dos acadêmicos indígenas na UEA. O diagnóstico sociolinguístico nos apresentou um parâmetro da realidade do bilinguismo dos acadêmicos indígenas, dando-nos

condições de planejar oficinas de Língua Portuguesa na perspectiva do bilinguismo social e da interculturalidade, promovendo, assim, a valorização e a identidade linguística e o pertencimento étnico dos estudantes indígenas. Nessa proposta, os domínios de uso das línguas em contato são estabelecidos e a língua indígena, a língua de origem, é vista como símbolo da cultura indígena e o português, como língua adicional, ou como primeira língua de alguns estudantes ameríndios, assume um status de português indígena ou intercultural com características linguísticas e sociais diferenciadas, próprias, que marcam a identidade indígena.

ESTÉLIO: QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DOS PROJETOS, AS JUSTIFICATIVAS E QUAIS SÃO OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS UTILIZADOS?

Célia: O projeto “Tecendo diálogos Interculturais” busca desenvolver ações que promovam o diálogo intercultural no ambiente universitário, a visibilidade das diferentes culturas presentes no espaço acadêmico e estimular as discussões sobre a interculturalidade. Com isso, queremos fomentar o debate sobre as perspectivas de consolidação da política de permanência dos indígenas nos cursos onde estão inseridos. Buscamos também desenvolver estudos teóricos e práticos sobre o corpo e sua expressividade, tendo como referência as suas interfaces artísticas (Ritual, Dança, Teatro, Artes Plásticas, Música, Circo e etc.) e intercultural em diálogo entre a comunidade acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas e comunidade em geral.

Pautamo-nos na premissa de que a Universidade deve ser o lugar da pluralidade, do diálogo e do trabalho a partir das diferenças. Entendemos que as diferenças precisam ser vistas como possibilidades onde a interação entre indígenas e não indígenas no espaço da universidade permite-nos um olhar mais atento para as diferentes culturas e suas contribuições para enriquecimento coletivo na produção do conhecimento. Mas é importante ressaltar que é necessário desconstruir ideias prontas, superar preconceitos, estabelecer novas relações sem os binarismos onde a diferença é vista como um problema a ser erradicado. Temos estudado coletivamente diferentes autores indígenas e não indígenas, buscando construir juntos esse diálogo.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido segue uma perspectiva colaborativa, buscando interligar as pessoas interessadas na temática numa rede de cooperação e ações articuladas. O nome do projeto nos remete a essa atividade de “tecer” muito comum entre os povos indígenas. Então, para nós, este tecer se faz a várias mãos buscando criar espaços de discussões e estudos coletivos sobre as diferenças e a interculturalidade, realizar exposições que contemplem diferentes culturas dos povos presentes no projeto como os grafismos, a língua, a literatura indígena, o artesanato, as fotografias. Ao longo dos projetos, os participantes têm produzido artigos, outros diferentes tipos de registros, apresentação de trabalhos em eventos e a participação em grupos de pesquisa.

Jeiviane: O projeto Práticas de Leitura e Escrita: o português como L2 de acadêmicos indígenas tem a finalidade de propor uma intervenção às dificuldades apresentadas pelos acadêmicos indígenas em acompanhar as disciplinas, os estudos e os trabalhos dos cursos. Muitos nos procuram para expor essa situação, deixando-nos preocupadas quanto ao índice significativo de reprovações. Além disso, entendemos que a diversidade cultural dos nossos cursistas indígenas enriquece a nossa universidade, abrindo espaço para políticas educacionais e linguísticas com vistas na permanência desses alunos em nossa instituição. É preciso associar a uma política afirmativa, como o sistema de cotas da UEA, a uma política de permanência com qualidade no que se refere ao acompanhamento das aulas em Língua Portuguesa. A nossa preocupação centra-se em dar condições para que o acadêmico indígena possa ler, escrever e falar em português com a segurança e a proficiência exigidas em nível superior, pois, somente assim, ele prosseguirá em seus estudos com autonomia e domínio. Como dito antes, trabalhamos o português a partir do bilinguismo e da interculturalidade, para que a universidade possa compreender que os acadêmicos indígenas falam e escrevem um português indígena, que surge do contato e das interferências da língua indígena, que marca um pertencimento a um povo e, por isso, precisa fazer parte e ser valorizado como política linguística na UEA. Entendemos, dessa forma, que trabalhar o português indígena torna-se um processo natural quando se tem uma universidade em um estado de grande complexidade cultural e linguística.

ESTÉLIO: QUAIS AS ATIVIDADES JÁ REALIZADAS AO LONGO DA EXISTÊNCIA DO PROJETO?

Já realizamos muita coisa juntos. Vou ressaltar algumas que considero mais relevantes.

Tivemos várias Rodas de conversa: uma sobre as línguas indígenas no Amazonas. (com o Prof. Dr. Sanderson Soares Castro de Oliveira da UFAM, que é colaborador do projeto e Profa. Dra. Altaci Correa Rubim Kokama, da UNB; outra com pesquisadores da ENS sobre a temática indígena Prof. Dr. Valteir Martins e a Profa. Dra. Silvana Martins, ambos linguistas e Profa. MSC. Adria Simone Duarte de Souza que trabalha com formação de professores indígenas. Um momento muito enriquecedor foi a conversa sobre Conhecimentos Indígenas com o Dr. João Paulo Barreto, do povo Tukano. Essa atividade teve um número expressivo de participantes dos integrantes do projeto, professores da ENS e pessoas externas.

Uma atividade igualmente interessante foi o evento de encerramento das atividades letivas e do projeto com a parceria do MEIAM. Nós tivemos a colaboração dos professores Valdemir de Oliveira e Evany Nascimento e membros de comunidades indígenas, lideranças e outros professores.

Em 2019 realizamos a acolhida dos calouros indígenas com a roda de conversa “Na aldeia ou na cidade, somos indígenas na universidade” com a parceria do MEIAM e foi muito enriquecedor.

Outra atividade que considero relevante foi a visita ao Parque das Tribos. Fomos recebidos pela Vanda Witoto, moradora do Parque e participante do projeto, pela Prof. Claudia Baré e o Joilson Paulino. Tivemos uma produtiva e enriquecedora discussão sobre cultura e educação intercultural. A professora Claudia falou sobre seu trabalho no Centro Cultural e o Joilson contou a história do Parque dos Tribos. Depois fizemos uma visita guiada por eles, conhecendo todo o parque, algumas lideranças. Nesta atividade tivemos a participação de outros professores da ENS. Considero importante que outros professores vão se agregando às discussões.

Em 2019 realizamos também em parceria com o MEIAM o Abril indígena com o tema Visibilidade e Resistência. A atividade contou com falas sobre a resistência de líderes indígenas, música, danças, vendas de artesanato e o lançamento do livro *Canumã a Travessia*, de autoria do Professor Msc. Ytanajé Cardoso, do povo Munduruku, egresso da UEA. Tivemos muita participação externa.

Em dezembro de 2019 tivemos a Criação e Lançamento do Canal Ore-Diálogos na plataforma do *youtube* onde eles divulgam conteúdos voltados às suas vivências na universidade e outros temas, assim como a apresentação de trabalhos em eventos científicos e das diversas lives realizadas pelo grupo.

Enfim, foi muita coisa. Mas ainda quero registrar a reunião com os acadêmicos indígenas da UNICAMP numa troca de experiências e discussões sobre a presença indígena na universidade. Foi algo muito produtivo e animou bastante os participantes do projeto. E tem o Memórias do Isolamento, esse é um trabalho que rendeu muita produção, muita interação e, acredito, nos aproximou muito.

ESTÉLIO: QUAIS OS CURSOS E UNIDADES DOS PARTICIPANTES DOS PROJETOS?

Célia: Os acadêmicos são dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Geografia, Ciências Biológicas, Letras e Matemática da ENS; do curso de Teatro da ESAT, do curso de Enfermagem da ESA e do curso de Ciências Contábeis da ESO. Temos indígenas dos povos Tukano, Tikuna, Baré, Kokama, Witoto, Sateré Mawé, Karapana, Baré, Dessana, Tuyuca, Apurinã, Munduruku, Kubeo e não indígenas.

ESTÉLIO: COMO ESSES ACADÊMICOS SÃO SELECIONADOS PARA PARTICIPAR DO PROJETO?

Jeiviane: Para cada edição do projeto, é publicado um edital cujo objetivo é selecionar acadêmicos indígenas e não-indígenas. O maior número de bolsas é destinado aos acadêmicos indígenas e apenas quatro bolsas são destinadas a não indígenas que, geralmente, são os monitores das oficinas de língua portuguesa, estudantes do curso de Letras. O projeto contempla também como categorias o intérprete cultural e os acadêmicos que atuam no campo das Artes Interculturais, trabalhando a expressão corporal, composição cênica e suporte tecnológico. Hoje, os projetos trabalham com 22 bolsas de extensão.

ESTÉLIO: O QUE SERIA UM DIÁLOGO INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE?

Célia: A interculturalidade é uma perspectiva que reflete um pensamento não baseado somente nos legados eurocêntricos. No diálogo intercultural há lugar para a diferença, para os compartilhamentos de diferentes conhecimentos, diferentes culturas, formas de viver, ser, estar e pensar o mundo. O diálogo intercultural possibilita o enriquecimento coletivo e a construção de sociedades mais democráticas. A Catherine Walsh nos diz que a interculturalidade representa a construção de um novo espaço epistemológico que promove a interação entre os conhecimentos que sempre foram subalternizados e os ocidentais, questionando a hegemonia destes e a invisibilização daqueles. Claro, isso não acontece sem mobilização, sem tensões e lutas.

ESTÉLIO: COMO O PORTUGUÊS INDÍGENA CONTRIBUI PARA O FORTALECIMENTO DA POLÍTICA LINGUÍSTICA NA UEA?

Jeiviane: O português indígena, também conhecido como português intercultural, vem ganhando visibilidade tanto no contexto acadêmico quanto nas ações do movimento indígena, principalmente, pelos povos ameríndios que o tem como primeira língua. Essa variedade da língua portuguesa, estudada por muitos como língua de contato, torna-se hoje instrumento de interação verbal dos povos indígenas com características linguísticas próprias e com marcas culturais de manifestação de identidades ameríndias. Isso significa que o português falado pelos indígenas é diferente e diversificado porque reflete as especificidades de seus povos – suas histórias, seus mitos, suas ancestralidades, seus territórios, suas línguas de origem – apresentando-se, dessa forma, no processo da interculturalidade, como símbolo de uma cultura capaz de determinar o português indígena a que refere: se é o português Tukano, o português Sateré-Mawé, o português Tikuna, dentre outros. Historicamente, a língua portuguesa foi imposta aos povos indígenas que, além de proibidos de usar suas línguas, foram obrigados a abandonar seus costumes e seus ritos para assumir um comportamento social dos brancos. As consequências dessa política colonial foram muitas: mortes, fugas, guerras e perdas linguísticas e culturais. Apesar disso, muitos povos resistiram a esses massacres e conseguiram manter vivas suas culturas e línguas, criando mecanismos de luta que resultarão, séculos depois, na demarcação de seus territórios e na educação escolar indígena (EEI), bilíngue e intercultural, cujos princípios estão centrados no interesse comunitário, no respeito às políticas linguísticas e ambientais e no bem viver dos povos indígenas, oferecendo-lhes também condições para interagir e atuar em espaços não indígenas. Nesses contextos não indígenas, fora da comunidade/aldeia, o português torna-se a língua de uso e assume, nos processos políticos e educacionais, uma funcionalidade intercultural de articulação com a sociedade envolvente para a reivindicação e garantia dos direitos de seus povos. Além disso, apresenta-se, para alguns indígenas, como a língua de origem, que aprendida nos espaços comunitários, reflete uma história e um pertencimento

étnico. Seja como segunda língua, com domínios específicos de uso intercultural que não se sobressaem à língua indígena, seja como primeira língua, o português indígena, na complexidade linguística do país, constitui-se em um símbolo de manifestações culturais próprias, distintas de qualquer outro emprego da língua portuguesa. Por conta disso, defendemos a integração do português indígena à política indígena da UEA. Precisamos entender como universidade que essa variedade do português marca a diversidade linguística dos povos ameríndios e contribui com a construção de uma política linguística nos espaços educacionais, já que esse uso diferenciado do português é também construtor de identidades indígenas.

ESTÉLIO: QUAIS AS METAS QUE OS PROJETOS JÁ TÊM ALCANÇADO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS?

Célia: Acredito que já conseguimos ampliar a discussão sobre a questão indígena na universidade, já temos bastante produção científica dos acadêmicos indígenas advindas da sua inserção em Iniciação científica e reflexões sobre sua presença no ambiente universitário. Ainda falta muita coisa, mas estamos no caminho.

Jeiviane: Também acreditamos que conseguimos ampliar a discussão sobre o português indígena na UEA. Mas ainda temos muito a fazer. Como meta para os próximos dez anos, temos a missão de discutir a importância linguística e cultural do português indígena juntamente com outros pesquisadores e movimentos indígenas que formam o GT Nacional de implementação do português indígena como política linguística dos povos indígenas. Esse será um trabalho desenvolvido com a UNESCO. Pretendemos, ao fazer parte desse GT, fortalecer as discussões sobre o português indígena na UEA.

Com Mayara Pereira Batista

Acadêmica indígena Sateré-Mawé do curso de Biologia da UEA

E-mail: mpbt.bio@uea.edu.br

Com Margareth Botero

Acadêmica em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa na Escola Normal Superior (ENS) da Universidade do Estado do Amazonas

E-mail: mbdv.let18@uea.edu.br

Com Ludimar Nunes Gonçalves

Acadêmico em Ciências Contábeis na Escola de Ciências Sociais (ESO) da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: lng.cic18@uea.edu.br

Com Francisco Braga Maricaua

Acadêmico em Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior (ENS) da Universidade do Estado do Amazonas

E-mail: fbm.ped16@uea.edu.br

Por Estélio Lopes Cardoso Munduruku

Licenciado em Geografia pela UEA, indígena do povo Munduruku

E-mail: esteliocardoso70@gmail.com

e colaboração de Wellington Dias

Mestre em Direção Teatral pelo RICTS School of Arts

Professor do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas

E-mail: wdias@uea.edu.br

ESTÉLIO: ENTÃO A GENTE VAI COMEÇAR A GRAVAR ENTÃO O PESSOAL QUE FOR CHEGANDO AÍ. A PRIMEIRA, ENTÃO A GENTE VAI FAZER. SÃO 2 PERGUNTAS NA VERDADE AÍ SE VOCÊ QUISER ACRESCENTAR MAIS ALGUMAS QUISER FALAR OUTRAS COISAS ALÉM DA PERGUNTA AÍ FICA COMO VOCÊ A CRITÉRIO SEU. A PRIMEIRA PERGUNTA NADA VERDADE SÃO SÓ 2 NÉ! É MAIS SOBRE A INTERCULTURALIDADE. ASSIM PRA VOCÊ O QUE SERIA UM DIÁLOGO INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE?

Mayara: Eu acho que quando se fala em diálogo a gente fala em uma comunicação, né? E interculturalidade, pra mim, significa dialogar com todas as culturas, independentemente de qualquer situação, quando se fala em algo intercultural, pra mim eu penso nisso, em algo que abranja, que inclua todas as pessoas, entendeu?

Wellington: Olá gente boa tarde. Boa tarde Mayara. Boa tarde Estélio.

Estélio: boa tarde professor.

Wellington: E aí como estamos?

Estélio: Bem a gente

Wellington: Já começaram a entrevista?

Estélio: Já, porque a Mayara vai ter aula daqui a pouco

Wellington: Sim, perfeito.

Estélio: Ela optou por iniciar, mas seja bem-vindo que qualquer coisa o senhor nos norteia.

Wellington: Perfeito! Tranquilo! Eu também vou ter uma reunião daqui a pouco 30 minutos, mas eu fico aqui. E aí o que vocês precisarem é só dizer.

Mayara: Ta sim!

ESTÉLIO: ENTÃO, PRA VOCÊ O QUE SERIA UM DIÁLOGO INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE?

Mayara: É para mim, eu consigo entender como diálogo intercultural, algo que dialogue, que consiga interagir e integrar todas as pessoas. E o diálogo intercultural (interrupção)

Wellington: Aí Estélio tem duas perguntas, aquelas duas vermelhinhas que eu coloquei lá sinalizei. Você pode estar fazendo para todos eles e elas que vierem. Aí de repente você pode ter outras duas perguntas que eles podem sugerir e responder. Aí fica aberto em cada um deles e delas pode sugerir uma pergunta para entrevista e a resposta né!

Mayara: Voltei de novo, então Estélio, vamos lá, mais uma vez, começar de novo. Pra mim, o que seria um diálogo intercultural? Seria algo que conseguisse integrar todas as pessoas, algo que conseguisse dialogar e aí um diálogo dentro da universidade, pra mim é isso, algo que consiga abranger todas as pessoas e consiga alcançar todas as pessoas, independentemente do saber, independentemente. Então pra mim o diálogo é isso, é a conversa com todas as pessoas, e o que a gente vem buscando fazer dentro do projeto, é um exemplo disso é o que a gente faz dentro do projeto, que a gente tenta dialogar com todas as culturas que existe, por mais que sejam, digamos por mais que sejam só indígenas, mas cada um tem sua forma de pensar, sua forma de interagir, sua forma de contribuir diante daquela situação, então dialogo é isso, é o que consegue abraçar, consegue trazer pra perto, consegue dialogar de uma forma justa, clara e consiga abranger todas as pessoas

ESTÉLIO: TÁ CERTO. AI A SEGUNDA PERGUNTA É: COMO A INTERCULTURALIDADE CONTRIBUIU PARA O FORTALECIMENTO DAS POLÍTICAS INDÍGENAS NA UEA?

Mayara: Nossa! Era inexistente, a gente que é bem do começo a gente pegou uma universidade onde não se discutia nada das questões indígenas e interculturais, eu pelo menos, quando entrei dentro da universidade, eu conheci depois de um tempo a Sâmela, fora isso eu não conhecia nenhuma outra pessoa, e a partir do momento que surgiu o projeto que a gente começou a fazer nossas intervenções interculturais dentro da universidade, a gente começou a perceber que se abria uma porta, uma luz no final do túnel que nos permitiu começar esse diálogo, começar a questionar a importância de políticas públicas afirmativas dentro da universidade, porque quando a gente fala em cota, ela garante o direito de entrar, mas não garante o direito da permanência e essas políticas públicas, quando elas começam a ser pensadas dentro da universidade, ela discute essa

questão de não apenas entrar, porque até mesmo algumas pesquisas feitas dentro da universidade, a gente percebia que entravam muitos indígenas que existiam mesmo essas demandas que eles entravam, mas a gente não conseguia fazer com que eles permanecesse dentro da universidade, por quê? Porque, não adiantava só dar apenas cotas, além de você dar o acesso, você precisava também garantir a permanência, que a partir desse acesso, garantisse a permanência desses estudantes dentro da universidade e aí a partir do movimento que a gente criou dentro da universidade a gente já percebeu que a gente teve algumas reuniões com o reitor (com mais alguém que não consegui identificar), com o pessoal da reitoria e a gente começou a fazer eles entenderem que para além de cotas eles precisavam ter uma política pública indigenistas dentro da universidade que garantisse, que acompanhasse esse percurso de entrada, permanência e saída dos estudantes indígenas da universidade

ESTÉLIO: E TÁ CERTO. ENTÃO A GENTE TEM MAIS DUAS PERGUNTAS. VOCÊ GOSTARIA DE FAZER UMA PERGUNTA OU DUAS PARA VOCÊ RESPONDER? SE AUTO RESPONDER ESSAS PERGUNTAS COM RELAÇÃO AO PROJETO?

Mayara: Com relação ao projeto? Qual a importância do projeto para minha permanência e está finalizando o meu curso? A Gabi falou uma coisa muito bonita que me tocou muito, que o projeto muda vidas e muda escritas, que é referente a gente tá entrando, quando a gente entrou na universidade a gente se sentia um pouco deslocado, um pouco sem rumo, porque as outras pessoas eram as outras pessoas e a gente acreditam e pensavam de uma forma diferente e aí quando a gente entrou no projeto que a gente começou a criar coisas, divulgar, a trabalhar com internet, a criar coisas para produzir. A gente começou a perceber que a universidade era muito mais do que aquilo que estava me sendo apresentado. Eu acho que o projeto foi muito importante pra minha vida acadêmica, pelas questões das publicações que a gente já fez, foi muito importante pra questão da minha afirmação como mulher indígena, hoje eu estudo, faço o meu TCC, ele trabalha a questão da mulher indígena dentro da ciência, eu acho que era impossível eu escrever um TCC como esse se não tivesse o projeto na minha vida entendeu!? Porque querendo ou não, o que quero ver é o quanto essas meninas estão em projetos de iniciação científica, é até uma fala da Samela que uma colega nossa falou pra ela, que ela achava que era impossível ela terminar porque ela era indígena entendeu? Daí no projeto não, quantos de nós indígenas também não passamos por isso né? Os professores, os próprios professores olharem mesmo, como já aconteceu, não, você não vai conseguir porque você é indígena, entendeu? Daí no projeto não, o projeto trouxe uma visão de que você vai conseguir principalmente porque você é indígena, porque você não consegue dialogar de certa forma, entendeu? Então, acho que o projeto foi fundamental não só pra mim, mas para todas as outras pessoas que estão dentro do projeto e que são indígenas também de tá ajudando nesse processo de formação.

Wellington: Tá certo.

Estélio: Tá certo! Muito obrigado Mayara pelas suas falas, são falas muito importantes e que falam sobre como o projeto tem mudado a vida de todos os acadêmicos indígenas. obrigado! Professor?

Wellington: Obrigado Mayara por colaborar aí, a gente fica inspirado ouvindo você, sabendo que a gente tá aí construindo essas pontes, maravilhoso! Muito obrigado mesmo, em nome de todos os professores e professoras.

Estélio: É isso aí, agora é a Margareth ou o Ludimar professor?

Wellington: Margareth chegou aqui. Em seguida nós temos o Ludimar também. Boa noite Margareth, boa noite Ludimar.

Estélio: Então são 2 perguntas para fazer para vocês. Mas aí tem sugestões, vocês podem colocar 2 perguntas e vocês mesmo responderem além das 2 como sugestões. Entendeu Margareth?

Margareth: Mais ou menos.

Wellington: A gente pode começar com as perguntas que já tem e aí quando chegar essa segunda parte, que é as perguntas que vocês vão propor para a entrevista, aí fica mais fácil também né? Fique à vontade Estélio para fazer as perguntas. De repente faz a primeira pergunta e Margarete já responde, Ludimar também já responde que já fica dinâmico. E depois faz a segunda e Margaret responde e Ludimar responde.

ESTÉLIO: A PRIMEIRA PERGUNTA É O QUE SERIA UM DIÁLOGO INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE?

Margareth: Na minha perspectiva? Sim! Na minha visão? Exatamente! Na minha visão, quando eu adentrei a faculdade eu pensei assim, que ia ser uma conversa entre todas as unidades que contêm lá na ENS né!? Como Geografia, Matemática, Letras que a gente tem lá, só que eu fui ver que era diferente. Aí foi através do projeto que a gente foi, eu como acadêmica indígena comecei a me descobrir, porque quando eu entrei na UEA eu fiquei tipo, procurando pessoas indígenas que nem eu investigando, olhando as carinhas pra ver se eu conseguia identificar, mas tinha gente lá na minha sala que se escondia, aí depois que me revelei lá dentro, dizendo que era uma acadêmica indígena e que eu tinha entrado por cota, aí foi aparecendo devagarinho. Eu achava, assim, que era esse mundo né, mas eu vi que não, era uma coisa muito, digamos assim, não sei se porque quando entrei no primeiro período eu não conhecia ninguém e eu tive a sorte e o privilégio de conhecer as pessoas como Ludimar, a May, a Wanda através das reuniões que eles já estavam fazendo junto com o MEIAM, aí que eu fui conhecer os acadêmicos indígenas dentro da ENS, porque dizer que era e quem não era, a gente tinha que tá, como diz a Wanda, procurando as pessoas lá dentro, porque elas não se identificavam e eu de cara já fui logo me identificando quem eu já era, quem eu era, que eu tinha entrado por cota e eu não tive vergonha de dizer também e acho que assim pra mim que a interculturalidade pra mim era isso, porque quando a gente vê a comunidade a gente fala com todo o povo, não tem esse negócio de falar contra o nosso povo. Aí através dos estudos que o professor

de políticas públicas, o Emerson, ele também, foi aí que abriu um pouquinho mais minha mente pra falar a respeito da interculturalidade que era pra gente, digamos assim, ter um conhecimento mais, um pouquinho de cada, digamos assim, conhecer mais as pessoas, eu acho. Pra mim é isso, não sei se eu estou errada.

ESTÉLIO: CERTO, E PRA VOCÊ LUDIMAR?

Ludimar: Não sei se tá dando interferência de uma música lá de fora que tá vindo pra cá.

Estélio: Não, está tranquilo.

Ludimar: Então.

ESTÉLIO: O QUE SERIA UM DIÁLOGO INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE?

Ludimar: Margareth falou né, seria a união de todos os estudantes. Tanto indígena, quanto não indígena e para dentro da nossa realidade em Manaus, vejo que seria uma integração entre as unidades, todas as unidades da UEA daqui de Manaus, todas as escolas superiores que fazem parte da UEA daqui de Manaus. Deveriam ter essa integração, não só esse laço mais forte que tem vindo da ENS, mas sim que toda unidade tivesse essa representação maior assim e o cuidado com os acadêmicos indígenas em si. Mas a gente se remete às nossas lutas dentro da universidade, hoje esses projetos estão sendo realizados, mais por conta da luta do movimento estudantil, não foi uma coisa que partiu da universidade para os estudantes, foi a reivindicação dos estudantes para que houvesse essas políticas afirmativas dentro da UEA. Eu imagino que a gente em outros momentos não teve essa representação indígena. Eu quando entrei na universidade a gente não teve esse amparo de nenhum lado né! A gente procurava os estudantes indígenas, os veteranos e não encontrava, e, depois que a gente fez aquela audiência pública em 2016 com o Délio, Michele, Maricaua, Auxiliadora e Elson Sateré na reitoria, interessante que os veteranos que vieram à procura da gente, mas pra saber do que se tratava se iam ganhar alguma coisa ou não. É interessante isso porque na hora da luta, poucos aparecem, mas na hora de beneficiar muitos querem. Então a gente vê isso aí, por isso que em 2016, aí eu que fui. Depois da audiência, a gente foi encontrar alguns estudantes de lá na EST. Eu fazia engenharia lá na EST. Então naquele momento eu ficava olhando, pow na hora que a gente precisa dos parentes, os caras não aparecem, e na hora que tem um zum, zum, zum que pode vir alguma bolsa aí os cara aparece do nada né?. Mas assim, eu vejo na questão da interculturalidade, dentro dessa ligação, que é um elo de aprendizado entre o indígena e não indígena. A gente detém muitos conhecimentos que o, vamos supor, o acadêmico não indígena, ele não tem, e quando há essa troca eu vejo muito dentro do nosso projeto. Há uma grande troca com os monitores que fazem parte, é aí que surge né, dar essa liga entre um e outro, porque há reciprocidade. É recíproco o respeito um pelo outro, independente que tu seja indígena ou não é isso que eu vejo dentro do nosso projeto.

ESTÉLIO: TÁ CERTO. MUITO BEM AÍ VEM A SEGUNDA A PERGUNTA QUE É COMO A INTERCULTURALIDADE CONTRIBUIU PARA O FORTALECIMENTO DAS POLÍTICAS INDÍGENAS DA UEA?

Ludimar: Margareth!

Margareth: Sim, eu acho que foi uma grande conquista né, porque, quando a gente conversou com a diretora e o reitor, não me lembro se o Ludimar estava, mas eu me lembro que o Eurimar estava, a Wanda que no momento estava conhecendo, eu achei assim que foi um grande marco. Era algo surreal para todo mundo foi algo assim uma conquista muita grande, mas como a UEA é uma universidade multicampi, digamos assim, como uma professora sempre falou, digamos que o louro foi colhido pela UEA e não foi colhido pelo movimento, mas ele contribuiu bastante, uma ajuda muito grande pra dar mais visibilidade aos acadêmicos, não só os acadêmicos, porque, como eu converso muito com meus amigos, eu digo assim, que não foi só a gente que ganhou, foi todo mundo que ganhou porque uma luta estava acontecendo só naquele momento com a diretora, que ela ajudou na conversa e juntos com professores e junto com o movimento foi uma luta, digamos assim, um nucleozinho bem pequeno, que quando deu certo, explodiu, uma bomba, pra toda UEA, na época, em 2018 segundo período, aquilo foi um marco muito grande, esse nosso projeto que aconteceu, digamos assim, que teve uma visibilidade a mais nas lutas dos meninos. Uma vez eu estava conversando com o Eurimar, eu já entrei na UEA e nem sabia que o MEIAM existia, apesar de eu estar não sei quantos anos aqui em Manaus, eu terminei o meu Ensino médio aqui em Manaus e eu não sabia que o MEIAM existia, eu fui saber dentro da universidade que o MEIAM existia, daí eu fui conhecer o restante dos parentes. Principalmente a luta dos povos aqui em Manaus em relação à universidade que abrange.

ESTÉLIO: OK, TÁ CERTO, MUITO BOM. LUDIMAR, A MESMA PERGUNTA PARA VOCÊ: COMO A INTERCULTURALIDADE CONTRIBUIU PARA O FORTALECIMENTO DAS POLÍTICAS INDÍGENAS NA UEA?

Ludimar: Então esse ponto a gente verifica que ela vem de encontro né. A política, apesar da universidade não ter uma política afirmativa de fato para os acadêmicos indígenas e não só para os acadêmicos indígenas, mas também para os acadêmicos não indígenas que vivem em situação de vulnerabilidade social também. Mas ela é importante no sentido de mostrar para o seu corpo docente que nós, enquanto indígenas nós estamos aqui para aprender e também para ensinar coisas que muitos dos professores hoje fazem suas teses de mestrado e doutorado em cima de nossos povos, então vejo aqui que a universidade poderia olhar mais para nós enquanto acadêmico e quando a gente vê, quando vejo assim na fala da Margareth o reconhecimento que a Margareth tem pela instituição MEIAM, isso é muito gratificante porque a gente quando entrou também eu não conhecia, não conhecia o que era MEIAN, não conhecia quase nada e a partir das

lutas que a gente veio fazendo dentro da reitoria, aí a partir daí eu fui conhecer o quê que era MEIAM e fui me aprofundar na história, já Era uma organização bastante antiga que foi fundada pelo povo do alto rio negro e quando chegou aqui em Manaus tomou outro segmento que abrangeu os povos do baixo Amazonas, pegou o pessoal do madeira pegou o pessoal da minha região do Alto Solimões e aí se construiu o MEAN de fato para lutar pelas políticas afirmativas que nós temos hoje dentro da universidade. O MEIAM, ele foi importante nessa criação de política de cotas da universidade, porque até 2004 não tinha e a partir da reivindicação do movimento indígena foi criada essa lei de cotas, na qual nós somos hoje beneficiados diretamente. Embora não tenhamos lutado lá atrás, mas hoje nós somos beneficiados diretamente.

Ludimar: Embora não tenhamos lutado atrás, mas hoje somos beneficiados diretamente, é, penso que... penso que quando... é há um avanço dentro da..da dessa questão da..da..da.. de políticas afirmativas dentro da UEA, não é somente acadêmico indígena que ele é beneficiado. Porque quando se lança um edital, ele não se lança um edital específico pra nós, mas sim para todos os estudantes da UEA, e a gente não viu naquele momento a representação, hoje tem não.. não.. não me vejo representado, eu...eu como estudante... não me vejo representado pelo centro acadêmico da UEA, porque quando nós precisamos na época de 2016 viraram as costas, então, a mobilização, só quem fez foi o estudante indígena. Os representantes independente de ser branco ou indígena, ele estava pra representar todo mundo, todo mundo que se matricula na instituição, ele é um ponto representativo e viraram as costas, então a gente lutou, e..e hoje colhe alguns frutos, não que seja o fruto que a gente gostaria, mas pelo menos já ameniza a situação de muitos parentes que a gente sabe que vivem em situações de extrema vulnerabilidade mesmo né, é nisso que a gente, que a gente luta. Para que, a gente que tá já mais da metade do caminho trilhado, mas os outros que entraram e não tem essa dificuldade que a gente teve né, que possam ter tranquilidade para estudar, possam ter o foco principal ao seu estudo. E não pensar no que ele vai comer ou que ele vai jantar, que muitas das vezes não temos aquele centavinho que pra muitos: é a mixaria, mas pra quem não tem é muito, que certos momentos da nossa vida faltaram esses centavos. A gente volta lá trás e não tinha, e que muitas das vezes não tinha esses R\$ 0,45 centavos pra tomar café ou R\$ 0,80 pra almoçar. E quando não tinha só beber água e volta pra sala de aula, tá entendendo? E é isso que, eu enquanto estudante, luto muito para que, as pessoas, os parentes venham adentrar dentro da Universidade, não passem por essa situações que a gente passou lá atrás tá. Acho que nesse sentido que...que a gente tenta contribuir enquanto estudante indígena. Porque quando é um bem, o estudante é beneficiado, não somente ele será beneficiado, mas outro estudante não indígena será beneficiado, porque será aberto o edital não específico para um, mas com vagas para todos que possam concorrer àquele edital.

Estélio: Tá certo então. É verdade mesmo, que vocês falaram sentido que é questão da entrevista e também respondendo às duas perguntas que fazem parte do link da interculturalidade. Principalmente na UEA. Aí pra finalizar né, o

professor Wellington: o senhor tem alguma coisa pra colocar ou a gente pular para as perguntas, as perguntas.

WELLINGTON: ASSIM COMO LUDIMAR FALOU AÍ A GENTE APRENDE MUITO ESTANDO COM VOCÊS, SÃO MUITAS REALIDADES NÉ, AS VEZES QUE O TEMPO DA AULA, O TEMPO DO ENCONTRO, NÃO DÃO A POSSIBILIDADE DA GENTE CONHECER, TODAS ESSAS DIFICULDADES, ESSAS ESPECIFICIDADES DE CADA PESSOA, DE CADA POVO. ESSES PROJETOS E ESSES ENCONTROS, ESSAS AÇÕES DENTRO DO PROJETO TAMBÉM, FAZEM COM QUE A GENTE TENHA MAIOR CONSCIÊNCIA, NÃO SÓ ENQUANTO DOCENTE, MAS COMO INTEGRANTE DESSA AÇÃO. É QUE A GENTE POSSA SE ENGAJAR MUITO EM OUTRAS AÇÕES PARA PENSAR E COMO PODEMOS EXPANDIR AÍ. PORQUE É UM DESEJO COLETIVO DE VOCÊS, É UMA NECESSIDADE COLETIVA DE VOCÊS. EU ME SINTO MUITO CONTEMPLADO EM OUVIR VOCÊS DIZEREM QUE, QUANDO UM É BENEFICIADO, É UMA PORTA QUE SE ABRE PRA TODOS E TODAS QUE VIRÃO SE BENEFICIAR E DEPOIS IRÃO SE FORMAR E LEVAR OUTROS SABERES E QUE VÃO TRAZER OS SABERES DE SEUS POVOS PARA DENTRO DESSA SALA DE AULA. PORQUE SÓ TEM SENTIDO SE VOCÊS ESTIVEREM AQUI, E SE A UNIVERSIDADE CONTINUAR COM ESSA POLÍTICA DE IGNORAR OS POVOS INDÍGENAS, EM ALGUM MOMENTO ELA VAI FECHAR NÉ, ENTÃO QUE POSSA TER CADA VEZ MAIS ESSE ESPAÇO E QUE A GENTE POSSA LUTAR E QUE ELE POSSA EXISTIR, ENTRE OS NOSSOS CURSOS, DENTRO DA NOSSA UNIVERSIDADE, E AÍ NESSE SENTIDO A GENTE PASSA PARA ESSE ÚLTIMO MOMENTO QUE É JUSTAMENTE: QUE PERGUNTAS VOCÊS GOSTARIAM DE FAZER E RESPONDER:

A GENTE TROUXE DUAS PERGUNTAS E QUE PERGUNTAS SE VOCÊS ESTIVESSEM SE ENTREVISTANDO, SE VOCÊS MESMO: QUE PERGUNTA VOCÊ FARIA A SI MESMO MARGARETH? DENTRO DESSE CONTEXTO DE INTERCULTURALIDADE, QUE PERGUNTA VOCÊ GOSTARIA DE RESPONDER SOBRE ESSE CONTEXTO, E AÍ VOCÊ JÁ FAZ A PERGUNTA E RESPONDE:

Margareth: Ah tá é. A minha pergunta pra mim mesmo é: quais as possibilidades que eu estou dando, não só pra mim, mas, aos meus amigos acadêmicos indígenas e não indígenas que descobrirem né, dentro da Universidade. Porque nós assim né, eu posso dizer, que falando ao respeito, meu povo em si né, as vezes eu até bagunço com a Professora Jeiviane né: eu digo dá pra mim puxar pra duas linhas né, como sou do povo Dessano e a minha mãe do povo Tukano. Ela diz pra mim estudar as duas linhas. E a minha pergunta é essa: Como eu posso contribuir para a universidade sendo que sou acadêmico indígena de dois povos? E como eu deveria ajudar também os futuros acadêmicos Dessano e Tukano assim encontrar dentro da universidade, porque, falar dos nossos conhecimentos também né. Porque eu acho assim né, logo no início ficamos acanhados pra fala né, e a gente só se sente bem falando com as pessoas que a gente conhece né, e sobra que, como falei pra Professora, se eu soubesse que, tinha gente estudando a respeito do meu povo Dessano quanto Tukano, eu tinha,

eu tinha aproveitado mais os meus, meus finados avós. Porque, querendo ou não, como a Samela sempre diz, como a Samela falou uma vez: quando a gente adentra, a gente vem pra cidade, a gente acaba perde praticamente a metade da nossa cultura, eu posso dizer assim, que eu já tô; tipo assim, resgate tanto da cultura Dessana e cultura Tukano, porque ... porque quando eu estava em São Gabriel, a gente tinha esses.. esses momentos né, da.... da interculturalidade, não só com povo Tukano, mas também com todos os povos lá de São Gabriel. E quando vim pra cá Manaus eu fiquei assim: um pouquinho distante de tudo da minha realidade, aí quando adentrei na universidade com esse projeto, foi aí que comecei a me descobrir de novo né, voltar de novo às minhas origens e a procurar como é que tenho que fazer pra mim começar a estudar a ... a história do meu povo, fazer um resgate digamos né, da minha cultura em si.

Porque depois que a gente está na cidade, e quando a gente perde os nossos "anciãos" fica mais difícil, e até eu....até eu fico falando pra professora que tenho que aproveitar com meu pai enquanto ele está vivo ainda, porque o papai ele...ele é pajé, vocês sabem, vocês sabem que ele é pajé, sou filha de pajé, sou descendente de pajelança, descendente de pajelança e tem coisas que sinto que.....que eu não e ligo pra ele e pergunto.... pergunto pra ele e pro meus tios, mas eu ainda não tenho muito contato com meus tios, mas quando eu posso eu....eu entro em contato com eles, tanto que eu tenho um acervo que eu descobri agora a respeito do povo, que é "balinha" do povo Tukano, que tem um acervo guardado e tou tentando resgatar e esse acervo e não sei se vou conseguir, eu creio que vou conseguir, aí lá vou ter que dar o meu jeito, como digo pra professora: vou ter que dar meu jeito de botar em prática que é isso.

WELLINGTON: OBRIGADO MARGARETH, MUITO OBRIGADO EM CONTRIBUIR COM SUA PERGUNTA E COM SUA RESPOSTA. E AÍ, É COM VOCÊ LUDIMAR: QUE PERGUNTA VOCÊ FARIA PRA VOCÊ MESMO E RESPONDERIA DENTRO DESSA ENTREVISTA?

Ludimar: Então eu faria a seguinte pergunta: Qual a importância do ensino superior na vida de um acadêmico indígena né?

Eu sempre busquei motivar os parentes né, nessas rodas de conversas ou reuniões, que pra gente ocupar os espaços que de fatos são de direitos nossos, nós precisamos estar qualificado né. Então dentro da Universidade nós iremos nos qualificar e possivelmente quem tiver qualificado ocupará esses espaços, que são representação de direito, tanto na esfera federal, quanto na esfera estadual e também na esfera municipal. E, nessas organizações do Estado que representam os povos indígenas, hoje quase 100% é não indígena que está na sua presidência. E cabe, aos indígenas estarem lutando pelos seus direitos.

Se, as organizações de fato existissem para representar os povos indígenas que elas sejam representadas por indígena é..... é um ponto que eu prego muito aonde eu estou, aonde eu vou falar com os parentes né, eu sempre...eu sempre pego isso, que é pros parentes buscarem a Universidade, buscarem se qualificar e é através da Universidade que sairá seus médicos, seus advogados, seus

administradores, seus contadores, seus professores, seus psicólogos, seus pedagogos e outras áreas enfim.

É através da Universidade que eu penso que podemos mudar a nossa história, independente de quem seja né, é através da Educação que podemos mudar, contar de uma outra maneira a nossa história. Porque quando você adentra na nossa Universidade, muitas vezes você não tem um conhecimento, uma mente expandida, você tem na mente o seu mundinho, você fica fechado na sua cachola. Mas a partir do momento que você vai passando o tempo dentro da Universidade, você vai adquirindo conhecimento, e conhecimento é tudo... conhecimento é tudo. Eu entendo nesse sentido professor, que quando você abre sua mente e você foca lá na frente. Eu, quando me formar, eu falo assim: eu quero ocupar uma secretaria hoje, sendo como presidente do DiCEi, sendo um coordenador disso ou daquilo, porque a gente só pode mudar a realidade do nosso povo se a gente tiver ocupando esses espaços. Porque, enquanto tiver o não indígena lá dentro ele não vai fazer, porque... porque eu falo assim de coração aberto professor muito... Porque já passou várias... várias pessoas pela minha vida na universidade que na hora que o bicho apertou pro lado dele, ele saiu e nos deixou na mão. Então é assim que eu vejo né, eu... eu sempre falo né...eu...eu.. Não querendo ser melhor nem maior que ninguém, mas, meu posicionamento é assim né, que através da Educação, a gente estando dentro da Universidade a gente está se qualificando pra isso, pra gente ocupar esses espaços. Agora, se a gente se forma e não... e não... busca ocupar esses espaços, eu vejo, que não valeu a pena esses 4,5,6 e 7 anos dentro da Universidade. Então eu penso dessa maneira professor, que assim, em contribuir, porque é uma maneira pra gente contribuir com os parentes, já que a gente se qualificou, a gente lutou, pra tá qualificado e que a gente ocupe, de fato, esses espaços né. Não vejo, eu vejo muitos jovens, muitos acadêmicos que têm esse potencial. Mas muitas das vezes, ele próprio não acredita naquele potencial que ele tem, muitas vezes nem eu. Ou quando os professores: aaah Ludimar tu é capaz de fazer isso ou aquilo; será cara que sou capaz de fazer tudo mesmo?

Então fica essas interrogações.

Mas com o passar do tempo, a gente vai tentando fazer o que eles querem, o que eles propõem em fazer né

Questões de resumo né... resumo ou artigo. A gente muitas das vezes não tem muito conhecimento, mas a gente vai no espaço, a gente vai tentando fazer. É nesse sentido, professor, que eu vejo que a universidade vai contribuir, vem contribuir com nossos povos, independente de que região ele é.

WELLINGTON: MARAVILHA, MUITO OBRIGADO LUDIMAR. É SEMPRE MUITO IMPORTANTE, MUITO FORTE TE OUVIR. É ESSA GRAVAÇÃO AQUI É NOSSA PARA INCENTIVAR QUE MUITOS OUTROS E OUTRAS POSSAM CADA VEZ MAIS SE SENTIR, JÁ SÃO CAPAZES NÉ, MAS CADA VEZ MAIS POSSA TER ESSA CORAGEM DE FAZER, DE FAZER NESSE ESPAÇO ACONTECER. E VOCÊS JÁ SÃO MUITO GRANDES, JÁ VEM DE UMA HISTÓRIA ANCESTRAL. QUE BOM TER NA FALA DE VOCÊS AQUI, QUE MUITOS OUTROS

POSSAM SE INSPIRAR E BUSCAR APOIO NÉ E QUE VOCÊS TEM MUITA HISTÓRIA DE VIDA A PARTILHAR. MUITO OBRIGADO MESMO. E AQUI, AGORA A GENTE TEM O MARICAUA. EU NÃO VOU CONSEGUIR. NESSA PARTE FINAL, PORQUE VOU DAR AULA, MAS AI, EU QUERIA AGRADECER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS, MARGARETH, LUDIMAR, SE VOCÊS QUISEREM CONTINUAR COM MARICAUA AQUI. MARICAUA SEJA BEM VINDO. TÁ BOM?

ESTÉLIO: PRA VOCÊ O QUE SERIA UM DIÁLOGO INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE?

Maricaua: Aprendendo com as lideranças que ali estavam naquele momento, né? E até hoje eles mesmos falam “nossa, o quanto você evoluiu, Maricaua” e de outros colegas, que estão fora já né, estão em outros lugares, fora de Manaus. Então pra mim, eu tinha que buscar conhecimento, eu tinha que aprender um pouco mais, pra poder trazer alguém comigo também, e os outros... faziam a mesma coisa, me convidavam pra determinado espaço, para que eu pudesse estar ali observando, pra que eu pudesse estar aprendendo, porque eu não me colocava na frente de nada, eu tinha vergonha até de falar pra 10 ou 5 pessoas. O espaço que eu fui alcançando como a rádio comunitária, a própria SEMED e a própria COIAB que deram o espaço um dia mas eu não tinha acesso naquele momento; então, vários outros espaços eu fui buscando e abrindo portas e os parentes foram me recebendo, procurando saber quantas famílias eu liderava, quantas pessoas tinha, e assim eu fui caminhando. E, também, eu não parei de estudar. Como eu sempre digo, eu comecei o ensino fundamental tardio, concluí o ensino médio tardio, cheguei na universidade também já, né, mas nunca é tarde pra isso. Pude aprender muita coisa? Pude aprender! É suficiente? Ainda não, porque a vida do estudante universitário nunca para, ele tem sempre que tá se reciclando, sempre tá em busca de um conhecimento a mais, porque as coisas são muito rápidas, tá acontecendo as coisas muito rápido com essa tecnologia agora. E eu vejo dessa forma, que nós temos que se apropriar desses conhecimentos.

ESTÉLIO: TÁ CERTO. MUITO OBRIGADO PELAS FALAS FORTÍSSIMAS. VAMOS SEGUIR PRA SEGUNDA PERGUNTA QUE É: “COMO A INTERCULTURALIDADE CONTRIBUIU PARA O FORTALECIMENTO DAS POLÍTICAS INDÍGENAS DA UEA?”

Maricaua: Primeiro, foi realmente conhecer o grupo, né, conhecer os acadêmicos indígenas, fazer com que nós, que estávamos ali dentro da universidade, nos aproximarmos dos outros. Então, a partir daí, dessa união, todos tinham que conhecer o que que falta acontecer dentro da universidade, porque antes eu acho que não acontecia isso, e hoje acontece, tanto que as bolsas eram só a partir do terceiro período e passou a ser do primeiro período quando a gente começou essa luta, né? Começou toda essa luta, essa discussão, junto ao reitor e a gente chamando as instituições como a Assembleia, Ministério Público, o próprio MEIAM, que foi o protagonista nessa luta né, eu lembro o colega né, o finado Délio que contribuiu muito para que a gente pudesse ter acesso a essa

bolsa e hoje a gente tá participando dessa outra formação onde nós recebemos a bolsa, então, isso é luta dos estudantes indígenas, isso não aconteceu ah a gente entrou já deram pra gente de imediato, não, isso foi luta, é por isso que é bom a gente tá sempre orientando quem vem atrás da gente, porque eles precisam saber a história de como se deu esse processo, como foi que aconteceu, quem foram as lideranças que tavam na frente pra que pudesse ter a bolsa. Então, não foi fácil, não foi fácil pra gente, como eu sempre digo pro Ludimar, a gente tava ali ó, meu finado Délio, a gente comia às vezes sentava na calçada ali, a gente não tava dentro da universidade ainda né, a gente tava naquele processo ainda de lutas e tava o Ludimar, a Lili Domingues também tava, que agora tá fora aqui do estado né, enfim, foi uma parceira que caminhou junto com a gente, dentre outros parentes que contribuíram pra esse processo, que hoje nós realmente tivesse dentro da universidade fazendo esse curso né, que é importante por ensino e aprendizagem da gente, enquanto estudante indígena. Não é fácil né, não é fácil a gente, eu sempre digo que a universidade às vezes ela não tá preparada de fato ainda pra receber os estudantes indígenas, não tá; precisa-se melhorar muita coisa? Precisa-se, né, eu acho que hoje com essa pandemia toda aí que aconteceu e todos nós perdemos muita coisa, perdemos dicionários vivos, nós vimos que de fato a universidade não tá preparada pra nós atender, né? Então, assim como as escolas públicas, as escolas públicas também, querem dar aula online mas não tem toda uma estrutura pra que o aluno possa ter assim uma aprendizagem ali ao pé da letra. Hoje de manhã eu tinha um curso de línguas indígenas e me senti um pouco constrangido pelo fato de não ter acesso né, não ter acesso. Então, eu vi que a gente precisa ter internet de qualidade, a gente precisa ter equipamento de qualidade pra que a gente possa tá assistindo a aula, pra poder a gente discutir, ver e também assistir aula em casa não é fácil, principalmente pra quem é liderança, não sei pra vocês, meus colegas, né, pro Ludimar, mas pra mim é um desafio muito grande assistir aula em casa porque eu não consigo assistir a aula toda, sempre tem alguém me chamando, sempre tem alguém me ligando, sabe? E aí acaba me tirando do foco, como eu falei de manhã, eu tinha uma aula linguística fulano tava chamando, demora ciclano ligou, demora outra pessoa ligou novamente. Então, é assim minha vida diariamente, até falei assim: “cara, eu não vivo hoje uma vida normal, eu não consigo ter uma vida normal mas, por mais que eu esteja afastado de tudo e de todos, né, mas eu não consigo, porque sempre alguém vai tá ali, me procurando, sempre alguém vai tá ali atrás, sabe, pra trocar uma experiência, pra tirar uma dúvida de alguma coisa, pra ensinar alguma coisa”. Então é desse jeito hoje que é a minha vida né, como eu tava falando, além do curso né de L2, as aulas remotas da universidade, com professor indígena, esse plano semanal, os projetos né da universidade, as reuniões de saúde, as reuniões de educação, até mesmo os trabalhos de arte que eu faço né, os convites que tem pra apresentar agora esses trabalhos de arte na Secretaria de cultura. Então, é muita coisa, se você parar pra escrever, você tem que tá com a cabeça fria né, mas não, ela tá é enorme, tá o mundo inteiro, mano, aqui dentro, você pensa muita coisa, em muita informação ao mesmo tempo, e você acaba não

fazendo nem uma nem outras, o daqui cobra, o daqui cobra, o de lá cobra, né? Aí você fica perdido nisso tudo; mas é bom, por uma parte, porque a gente consegue absorver isso tudo, né, um aprendizado pra vida da gente, porque a gente como liderança tem que dar resposta pra tudo, tentar resolver o máximo possível de problemas

ESTÉLIO: É VERDADE MESMO NÉ, QUE ASSIM EU REFLETINDO AQUI E PENSANDO TAMBÉM NÉ, É UMA LUTA CONSTANTE NÉ, TANTO PRA LIDERANÇAS QUANTO PRA ESTUDANTES, QUE A GENTE VIVE NUM AMBIENTE QUE NÃO É INDÍGENA, AÍ A GENTE PRECISA LUTAR PRA SOBREVIVER A ESSE AMBIENTE QUE É AQUI FORA NÉ, QUE A GENTE SABE QUE É UM AMBIENTE TOTALMENTE DIFERENTE DO NOSSO SISTEMA CULTURAL, E SE A GENTE NÃO SE ADAPTAR A ESSE SISTEMA AQUI FORA NÉ, A GENTE ACABA QUE MEIO SENDO ESQUECIDO NÉ, SENDO PISOTEADO, PORQUE SE A GENTE NÃO LUTAR QUEM VAI LUTAR POR NÓS, É AQUELA QUESTÃO DE RESISTÊNCIA NÉ, E É MUITO IMPORTANTE ESSAS CONTRIBUIÇÕES, ESSAS FALAS DE VOCÊS, QUE JÁ TEM UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA MAIOR DO QUE A MINHA, NÉ, E É MUITO IMPORTANTE MESMO. AGORA A GENTE TEM...

Maricaura: Só pra complementar, Estélio, rapidinho, só pra concluir né. É assim né, até mesmo eu hoje me vejo porque tá dentro de uma cidade que nem Manaus e ter várias portas abertas, hoje, é desafio porque eu tenho parentes que vieram na década de sessenta e não tem tanta popularidade, ou tanto conhecimento por pessoas públicas quanto eu e outras lideranças que vieram depois de mim, e isso é importante, o quanto a gente conseguiu se aproximar deles e aprender um pouco com eles, de como é que funciona o sistema público, né, é importante a gente ter esses parceiros porque eles acabam atribuindo a gente o conhecimento que vai ser útil pra vida da gente, pra vida profissional, como o Ludimar acabou de falar, nós queremos ocupar espaços, como instituições, enfim, espaços políticos de modo geral, mas nós precisamos ter os parceiros certos, os caminhos certos, as instituições certas, os partidos certos, pra que nós possamos tá ali se apropriando e colocando as nossas palavras, apresentando as nossas propostas né, na verdade. Então, isso é de grande importância pra nossa vida enquanto estudante indígena.

ESTÉLIO: É ISSO AÍ! ENTÃO, PRA FINALIZAR A ENTREVISTA OU, PRA FICAR UM MOMENTO REFLEXIVO, NÉ, FOI COMO O PROFESSOR WELLINGTON SUGERIU, VOCÊ FAZ UMA PERGUNTA NÉ, NESSE SENTIDO, AÍ VOCÊ SE AUTO RESPONDE, ESSA PERGUNTA QUE VOCÊ FEZ PRA VOCÊ MESMO. AÍ, NO CASO, VOCÊ TEM UMA PERGUNTA ASSIM, QUE VOCÊ POSSA RESPONDER A VOCÊ MESMO?

Maricaura: A pergunta que eu faço pra mim mesmo?

ESTÉLIO: É

Maricaua: Qual caminho eu devo seguir, né, dentro da academia, porque, como eu falei, a gente enquanto liderança tem vários caminhos, um deles é buscar o aprendizado, absorver o que a academia tem pra nós, e outro é ocupar espaços de reconhecimento da comunidade, da liderança, enfim, procurar ensinar, transmitir conhecimento pros jovens, para as crianças, pras pessoas que vem em busca; porque, como o professor Wellington falou, nós temos muito a contribuir, muito, muito, muito mesmo; hoje já foram feitos alguns trabalhos acadêmicos de outras universidades aqui na comunidade, então eu acho que esse trabalho são trabalhos que sistematizaram nessa pesquisa a verdadeira vida das comunidades e da liderança, assim como nós estávamos nos preparando pra que nós possamos também fazer o mesmo papel né, escolher as pessoas certas pra que nós possamos registrar as nossas pesquisas da melhor forma possível. Espero ter contribuído nesse sentido, Estélio, você que é um pouco mais jovem do que eu, é sempre eu gosto muito de conversar, de trocar diálogo com pessoas mais experientes, e durante esses anos todos eu tenho encontrado pessoas no meu caminho, no meu percurso que realmente fizeram diferença na minha vida né, perdi muitos amigos né, o finado Jorge Terena que era um guerreirão, parceiro realmente né, o Eli que no início né, abriu as portas da Secretaria da Educação pra gente, enfim, da própria COIAB que não sabia onde tavam os Kokamas que hoje né temos várias comunidades kokamas, assim como tem outras comunidades, também dentro de Manaus, né. Então, parceiros realmente, companheiros, amigos que contribuíram muito pra que eu pudesse hoje tá fazendo parte do movimento. Ouvindo a voz da Vanda aí um outro dia quando ela falou “tenho que agradecer muito ao Maricaua, que fez parte da minha vida, que somou comigo e eu aprendi e estou buscando espaço hoje” né, eu fico feliz por isso, ver a Vanda ser homenageada por outros artista, assim como eu também posso preparar uma homenagem a outras pessoas né, enquanto artista, e isso é reconhecimento de luta, reconhecimento de luta... quando eu vejo tu apresentando teus trabalhos, pô legal, o Estélio tá show de bola! Então cada um de nós tem uma qualidade né, daqui a pouco apresento meus trabalhos, como sempre digo: cara daqui a mais um tempo concluir a universidade não sei se eu vou pra dentro de sala, eu vou pegar meus trabalhos e vou tá viajando o Brasil, fora do Brasil, não sei, porque os trabalhos são muito finos né, e é um trabalho que é honesto que requer paciência, técnica, pesquisa; então, fora de Manaus com certeza vai ser muito bem aceito, tem uma pessoa que sempre tá comprando os meus quadros que ela quer levar pra fora do Brasil e isso é bom pra mim enquanto artista e enquanto estudante também né, porque precisa absorver o que a universidade tem de bom que são os conhecimentos, que os professores tão repassando pra gente; então, essa é a oportunidade que eu quero, de tá junto com os colegas, de tá sempre dialogando ali, discutindo né, seja na produção de um livro, seja política, seja o movimento indígena, seja as nossas comunidades, e mais importante, onde é que essas pessoas que estão dentro da academia vão parar né, eu e o Lucimar estamos na cabeceira do Alto Solimões, você tá lá pro Rio Madeira, lá pra baixo, quilômetros e quilômetros né, e depois a gente se encontrar politicamente né, se alguém vai

seguir carreira política aí como vereador, prefeito, enfim. Então, isso tudo é um aprendizado pra gente, “poxa eu estudei com fulano, poxa eu discuti com beltrano, né dentro da academia, a gente fez perguntas pra ele”, então, essas questões que eu me faço, que caminho eu vou seguir? Se eu vou seguir no caminho político, no caminho artístico, no caminho como professor na sala de aula, então são vários caminhos.

ESTÉLIO: É VERDADE, NÉ, SÃO VÁRIOS CAMINHOS, A GENTE TEM...

Maricaua: Deixa a vida me levar agora

ESTÉLIO: É ISSO AÍ, A GENTE TEM QUE SEGUIR VÁRIOS CAMINHOS NÉ, QUE A GENTE NUNCA SABE O DESTINO QUE A VIDA NOS RESERVA, MAS QUE BOM QUE, ASSIM, A GENTE CONSEGUE ENCONTRAR PESSOAS AO LONGO DESSE PERCURSO NÉ, DA VIDA, PESSOAS QUE TÃO INTEIRADAS NÉ, NA SOCIEDADE, QUE TÃO ESTUDANDO, QUE TÃO SE FORMANDO PRA LUTAR POR UM COLETIVO NÉ, E, ISSO ASSIM, É MUITO BOM, E A GENTE SABE QUE O POVO INDÍGENA, DE UM MODO GERAL NÉ, ESTÁ AVANÇANDO E QUE ISSO POSSA PERMANECER AINDA MAIS NÉ, CONSEGUIR ESPAÇOS TANTO NA POLÍTICA QUANTO NA SAÚDE, NA EDUCAÇÃO, EM TODOS OS LUGARES DESSE PAÍS; PORQUE O BRASIL É INDÍGENA E PRECISAMOS FAZER ESSA RETOMADA.

Maricaua: Sem dúvidas, sem dúvidas. Espero ter respondido essa pergunta né, enfim, mas é assim né, a gente precisa realmente fazer uma roda de conversa né, se as aulas voltassem, com diversos temas, um tema universal né...

ESTÉLIO: É...

Maricaua: Pra gente ouvir, analisar, enfim, apresentar essas discussões né, que caminho cada um depois vai seguir né

ESTÉLIO: SERIA BOM VOCÊ PROPOR LÁ NO GRUPO INTERCULTURAL NÉ, PRA TER TIPO ESSA REFLEXÃO TODO MUNDO QUANDO TIVER ENCERRANDO, SERIA MUITO BOM PROPOR ESSA IDEIA

Maricaua: Pois é, só me lembra né, que é muita coisa, muita coisa pra fazer

ESTÉLIO: TÁ BOM ENTÃO

Margareth: Faz que nem a professora Célia, anota aí num papelzinho pra ninguém esquecer

ESTÉLIO: É VERDADE, AÍ CHEGA LÁ E SÓ DÁ A CONTRIBUIÇÃO NÉ

Maricaua: Pois é né, mas assim, é legal o nosso debate, o nosso encontro, pode tá dialogando com os nossos parentes de várias regiões né, do Alto, do Médio.. essa troca de experiência, eu já tive na tua comunidade né, estive lá em 2000 se não me engano, aliás em 2000 não, muito antes, tive lá em 92, 93.. por aí

ESTÉLIO: EU ERA PEQUENO. ENTÃO, ACHO QUE A GENTE VAI ENCERRANDO POR AQUI ENTÃO NÉ, COM ESSAS ENTREVISTAS DE VOCÊS, AÍ EU VOU ENVIAR O TERMO DE AUTORIZAÇÃO PRA VOCÊS ASSINAREM NÉ, COMO PARTICIPANTE E TAMBÉM AUTORIZANDO A PUBLICAÇÃO DA GRAVAÇÃO E TAMBÉM DE VOCÊS NA REVISTA, PODE SER?

Maricaua: Eu queria agradecer pelo convite né, fazer parte dessa discussão né, que eu acho que é bom pra gente né, não só pra mim mas como pra todos que fizeram parte disso e nós temos que se colocar como tal mesmo né, pelo que nós pensamos, pelo que nós queremos almejar

ESTÉLIO: É ISSO AÍ

Maricaua: Obrigado pelo convite

ESTÉLIO: EU QUE AGRADEÇO A PRESENÇA DE TODOS VOCÊS, LUDIMAR, MARGARETH, TODO MUNDO MESMO, MUITO OBRIGADO.

Margareth: Valeu, obrigada por vocês né, ter chamado a gente, apesar que eu acho que era pra ter chamado bastante gente né.

ESTÉLIO: É VERDADE.

Margareth: Que se tivesse bastante gente ia ser bem mais interessante a conversa, porque cada um vem com uma perspectiva diferente né, cada um tem o seu jeito de pensar e o olhar do mundo acadêmico e é assim né, que a gente tenha mais outras oportunidades de fazer esse tipo de entrevista.

ESTÉLIO: É VERDADE

Maricaua: Não, isso é verdade mesmo, eu não me via né dentro da universidade né, eu me via em um lugar bem distante, fora da universidade, mas isso é importante, e uma outra questão é que eu vou colocar isso né, porque eu nunca me via dentro da universidade, até mesmo no ensino médio né, só pelo fato de ter passado por uma educação tradicionalista né, de ter apanhado dos professores.

Link para Vídeo da Entrevista no Canal Oré Diálogos no Youtube:

<https://youtu.be/o6GPuF7SrA4>